

# CAZUMBA & CAZUMBÁ: HISTÓRIA, NARRATIVA E AS 'FRONTEIRAS IDENTITÁRIAS' NO RECÔNCAVO BAIANO (SÉCULOS XIX-XXI)

*José Bento Rosa da Silva<sup>1</sup>*

## ***Cazumba & Cazumbá: À Guisa de Introdução***

Cazumba e Cazumbá: sem acento agudo e com acento. Seriam sinônimos? Foi a pergunta que fizemos para um dos membros de uma família descendente de africanos que conseguiram manter o sobrenome de origem bantu, Cazumbá, no Recôncavo Baiano<sup>2</sup>. A ausência do assento agudo faz muita diferença, ou seja, tem significados diferentes, que inclusive, possam levar a mal estar. Ao menos para os membros desta família, como nos contou, de forma descontraída um casal, que denominaremos de casal Cazumbá<sup>3</sup>:

*[...] Cazumba é carcaça de animais que morre no pasto. Por causa disso minha esposa não quis este sobrenome. Hoje as meninas gostam, queriam ter este sobrenome, porque acham interessante a História, e este sobrenome chama a atenção [...]*

*[Esposa] Eu não quis Cazumbá não! No cartório [no registro de casamento] eu não quis. Por que teve a História de um Cazumbá que era assassino. Minha mãe contava esta História de Cazumbá. Aí eu rejeitei o sobrenome Cazumbá [...]. Depois que conheci ele é que fiquei sabendo que ele tinha o sobrenome Cazumbá. Eu disse: Quero a pessoa com o [este] sobrenome não. Porque também chamavam ele de Cazumba, e Cazumba na nossa região, era assim aquele boi*

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco e Professor Associado do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Realizou estágio pós-doutoral na Université Jean Jures – Mirail I, em Toulouse, França, entre 2014 e 2015. É membro do Instituto de Estudos da África e vice coordenador do NEAB-UFPE. E-Mail: <negrobento@bol.com.br>.

<sup>2</sup> Embora mais de 50% da população brasileira se autodeclare descendentes de africanos, é raro encontramos sobrenomes africanos entre esta população. Isso se explica em função do processo da diáspora e da escravidão moderna, quando os africanos escravizados perdiam a identidade de origem, coletiva e/ ou individual: “[...] um fato é notório: convertido em escravo, ‘o africano’ passou a ser denominado negro [...] Uma característica – a cor da pele – perfilou-lhe o nome para o resto do mundo: negro [...] Tornada ‘cidadã de segunda categoria’, a população de origem africana no Brasil carregou sempre consigo o fardo desse nome. Sua origem lhe foi negada e sua identidade, quer seja pessoal, social, ‘racial’ ou ‘étnica’ está vinculada até hoje a adjetivos [...]”. In. . LEITE, Ilka Boaventura. “Os sentidos da cor e as impurezas do nome: os termos atribuídos à população de origem africana”. *Cadernos de Ciências Sociais*, Florianópolis, UFSC, vol. 8, n. 2, 1988, p. 4-12.

<sup>3</sup> Todos os entrevistados permitiram verbalmente a publicação dos depoimentos, mesmo assim optamos pelo sigilo do nome. Usaremos apenas o sobrenome Cazumbá de forma a lembrar duma “dinastia”: Cazumbá I, II, III, IV, etc.

*magro, feio, que já está pra morrer, carcaça de animal morto. Aí quando chamavam ele de Cazumbá eu não queria [...].*<sup>4</sup>

## **José Perreira Cazumbá e Lucas da Feira**

Não bastasse esta caracterização para Cazumba, existiu na região, uma personagem cujo sobrenome era Cazumbá, que ficou na memória coletiva da população pelos seus feitos juntamente com o não menos famoso Lucas da Feira, em meados do século XIX. Os jornais da época noticiavam as ações de Lucas e seu bando, aterrorizando o sertão e o Recôncavo Baiano. Lucas e seu bando, no qual estava José Pereira Cazumbá, tornou-se assunto dos jornais da província da Bahia, da capital do Império (Rio de Janeiro) e até mesmo tema da Fala dos Presidentes da Província da Bahia na década de quarenta do século XIX. O presidente da província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos fez o seguinte pronunciamento na tradicional “Falla” dirigida à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia na abertura da mesma, em 02 de fevereiro de 1843:

*[...] Nos outros municípios da província, e mesmo no de Feira de Santana, onde existe um escravo fugido, famoso salteador, e assassino, que tem tido a ousadia de aterrorizar todos os viajantes, já a petição desses crimes tem diminuído, depois que se estabeleceram as novas autoridades policiais [...].*<sup>5</sup>

As medidas tomadas pelo governante não foram suficiente para impedir a ação de Lucas da Feira e seus comparsas, que continuaram até o ano de 1848. No ano de 1845, o “facínora e seu bando” – como era mencionada pelas autoridades -, voltou a ser assunto na “Falla” de outro presidente da província da Bahia. Como de hábito, após falar que toda a província se encontrava em “tranquilidade”, o presidente relatava as ocorrências policiais nas respectivas vilas [cidades]. Foi assim que Francisco Jose de Souza Soares d’Andrea o fez naquela sessão de abertura:

*[...] Um negro por nome Lucas, que há muitos anos é o escárnio das Leis, e das autoridades, ainda continua nas suas habituais empresas. Um fazendeiro, cujo nome não direi em respeito à vítima, acaba de perpetrar a perversidade mais revoltante que pode dar-se! Hospedou com urbanidade satânica a uma família decente, e rica e assassinando o seu hóspede, apoderou-se bárbara e brutalmente de uma menina de 16 anos, sobrinha do dito ofendido [...].*<sup>6</sup>

<sup>4</sup> Entrevista realizada com o Casal Cazumbá, em 03 fev. 2011, em São Gonçalo dos Campos - BA.

<sup>5</sup> VASCONCELLOS, Joaquim José Pinheiro de. *Falla que recitou o presidente da provincia da Bahia, o conselheiro Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma provincia em 2 de fevereiro de 1843*. Bahia: Typ. de J.A. Portella e Companhia, 1842 [i.e. 1843], p. 06. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/106/>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

<sup>6</sup> D'ANDREA, Francisco José de Sousa Soares. *Falla dirigida a Assembléa Legislativa Provincial da Bahia, na abertura da sessão ordinaria do anno de 1845, pelo presidente da provincia, Francisco José*

Lucas da Feira foi preso no ano de 1848 e executado no ano seguinte, conforme comentou um jornal da Corte. Um dos seus comparsas, José Pereira Cazumbá, “imitando Judas Iscariotes”, entregara-o à justiça por algumas moedas e a absolvição de seus crimes. De fato, um sobrenome pouco remendado no contexto do século XIX, na região do Recôncavo Baiano. A fama de Lucas da Feira correu o sertão, litoral, a província da Bahia e para além da província. Os jornais da Corte, tais como o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Mercantil*, noticiaram a prisão, o julgamento e a morte do “renomado” bandido; Cazumbá, o seu algoz, também ficou conhecido. Para alguns um herói, para outros, um traidor; em meio à voz popular, “traidores e fofoqueiros são a imagem do cão”; não merecem a menor consideração<sup>7</sup>.

O jornal *Correio Mercantil* de Salvador, da segunda feira, 7 de fevereiro de 1848, na coluna Repartição Policial, detalhou com pormenores a captura de Lucas da Feira, pelo ex-comparsa José Pereira Cazumbá, às margens do Jacuípe. A cabeça de Lucas estava a prêmio de quatro contos de réis. Segundo a matéria do jornal, houve trocas de tiros entre Cazumbá e Lucas, ficando o segundo ferido e sendo preso em seguida. José Ferreira Cazumbá foi descrito como um pardo<sup>8</sup>. Mas afinal quem era mesmo este Cazumbá? Segundo Zélia de Jesus:

*[...] José Pereira Cazumbá (pardo), morador da freguesia de São José das Itapororocas, tinha cerca de 40 anos de idade, casado em terceiras núpcias com Ana Rosa de Jesus, sem filhos, quando assassinou a pauladas um velho sertanejo, no povoado de Nagé, município de Faria de Santana. Tendo sido preso e processado, Cazumbá conseguiu fugir da cadeia, passando a esconder-se na casa de Luís de Cunha Vieira, seu ex-sogro (do segundo casamento). Preocupado com a perseguição da polícia, é provável que ele se tenha juntado com o bando de Lucas. Alguns autores afirmam que os dois tornaram-se até compadres, ou seja, Cazumbá teria batizado Colatino, filho de Lucas, o que não constatamos [...].*<sup>9</sup>

---

de Sousa Soares d'Andrea. Bahia: Typ. de Galdino José Bizerra e Companhia, 1845, p. 04-05. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/108/>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

<sup>7</sup> A letra de uma música popularizada na voz de Bezerra da Silva, um porta voz do sentimento da população carente das favelas da antiga capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, é revelador: “[...] É que fofoqueiro é um atraso de vida/ Não é sujeito homem, é um safadão/ Cara a cara não fala, só fala por trás/ Ele até mete o malho na vida do cão/ E quando o pilantra se vê prensado/ Ele treme na base e começa a chorar/ É que o coisa ruim é um tremendo patife/ Cagueta os irmãos para se aguentar [...]”. SILVA, Bezerra. *Fofoqueiro é a Imagem do Cão*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/bezerra-da-silva/805921/>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

<sup>8</sup> *Correio Mercantil*, Bahia, anno XV, n. 29, 2ª feira, 07 fev. 1848, p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/186244/per186244\\_1848\\_00029.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/186244/per186244_1848_00029.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2017.

<sup>9</sup> LIMA, Zélia Jesus de. *Lucas Evangelista: o Lucas da Feira – estudo sobre rebelia escrava em Feira de Santana (1807-1849)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1990, p. 197.

Segundo a mesma autora, Cazumbá além de receber os quatro contos de réis que foi dividido entre os que o ajudaram a capturar Lucas da Feira, foi perdoado pelos crimes cometidos anteriormente. E mais, segundo ela, os quatro contos foram assim redistribuídos: dois contos para Cazumbá; um conto para Manoel Gomes; um conto para ser dividido entre: Benedito da Tapera (crioulo), Aprígio (pardo), Luciano Plácido (crioulo), José Luiz Gonzaga, Bernardino e Serafim<sup>10</sup>.

As narrativas sobre Lucas da Feira e seu bando é ouvida até os dias de hoje, alguns mencionam o Cazumbá, mas o personagem principal da trama é mesmo o ex-escravo Lucas da Feira. Mas a do professor Edivaldo da Silva Daltro, um memorialista da cidade, lembra uma das narrativas acerca do líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi<sup>11</sup>. Ele teria sido criado por um padre e entrado no bando de Lucas da Feira, por não suportar ver os irmãos maltratados no contexto da escravidão; neste sentido, ele seria um quilombola. Nesta narrativa, ele não é um parceiro de Lucas da Feira, ele assemelha-se a Lucas e a Lampião, ou seja, um justiceiro. Sua versão sugere também a existência de dois Cazumbá:

*[...] Existiu aqui um padre que criou uma criança negra abandonada e este negro tinha um sobrenome Cazumbá. Este menino quando cresceu se tornou uma pessoa muito conhecida por ter sido criado por um padre. Tem uma História também de um Cazumbá que não admitia coisas absurdas contra a pessoa humana, era um tipo Lampião, tipo Lucas da Feira, – que não é de Feira, é de São Gonçalo –, nasceu em Saco dos Limões que é na divisa com Feira [...].<sup>12</sup>*

## **A Identidade Cazumbá**

Um terceiro motivo desaconselhava registrar os filhos com o sobrenome Cazumbá, conforme o depoimento que Cazumbá I ouvira de seu pai, quando questionou a razão pela qual sua “irmã-carnal” (irmã unilateral) não assinava Cazumbá como ela; a pergunta foi feita ao pai, depois de um incidente acontecido, como se depreende do seu depoimento:

*[...] Tem uma irmã nossa – filha só de nosso pai, não é filha de nossa mãe não, é de outra mulher –, e ela não é Cazumbá. Quando a gente foi para Feira de Santana ela foi com a gente. Já tinha o hospital das mulheres em Feira. Quando chegou lá, ela deu o nome dela: Cardoso. Eu dei o meu: Ana Regina Cazumbá De Queiroz. Aí ela [a atendente] fez:*

---

<sup>10</sup> LIMA, *Lucas Evangelista...*, p. 197.

<sup>11</sup> A versão de que Zumbi teria sido criado por um padre, está presente no filme de Cacá Diegues, *Zumbi dos Palmares*, produzido na década de oitenta.

<sup>12</sup> Entrevista com o professor Edivaldo da Silva Daltro.

‘– Vocês são parecidas, parece que são irmãs. A família Cazumbá são tão unidas, muito trabalhadores, tudo bem! E por que você assina Cardoso e não Cazumbá?’  
Aí minha irmã ficou assim sem graça. E disse:  
‘– Se eu pudesse eu mudava o meu nome agora!’  
Eu cheguei em casa e perguntei:  
‘– Meu pai por que a gente escreve por Cazumbá e ela por Cardoso?’  
Aí, ele disse:  
‘– Sabe por quê? Porque naquele tempo o pessoal dizia que Cazumbá era africante (africano), aí eles entenderam ruim e botaram Cardoso’  
Aí eu expliquei a ele o que aconteceu em Feira [...].<sup>13</sup>

Para os descendentes de africanos no Brasil, a melanina identifica sua origem, e mais do que isso, identifica que seus antepassados passaram pela experiência da escravidão, onde as palavras: africanos, negros e escravos eram vistas como “sinônimas”. A cor da pele era a marca dos filhos de Cam, a marca irrefutável da africanidade, os casamentos mistos entre negros e não negros poderia ser uma alternativa e ou desejo, como sugere a pintura clássica de Modesto Brocos<sup>14</sup>; diferente do caso dos judeus, que poderiam passar por não judeus, bastava ocultar o sobrenome.

Ter a cor da pele enegrecida já era uma prova da origem supostamente inferior, imaginemos além da cor da pele, e do passado escravista, carregar um sobrenome de africano? Razão pela qual os africanos que por ventura tivessem mantido o sobrenome de origem pudessem abdicá-lo, como sugeriu o pai de Cazumbá I, ao dizer: “eles entenderam ruim e botaram Cardoso”; quando deveria ser Cardoso Cazumbá, como dos demais irmãos. Eles, aos quais se refere, com certeza, os familiares da mãe da irmã de Cazumbá I, que não sabemos quem foram, mas que temiam que o sobrenome africano, ou “africante”, pudesse ser um estorvo no futuro dos filhos.

Ouvimos de outros Cazumbá, o “desconforto” de um sobrenome africano, que pudesse lembrar práticas religiosas também marginalizadas pela sociedade, por serem conhecidas como de origem africana, como a umbanda e o candomblé. Um jovem Cazumbá contou-nos que na escola, não o chamavam pelo sobrenome Cazumbá, mas por Macumbá; ou seja, relacionavam o seu sobrenome com a religião afro-brasileira pejorativamente denominada de macumba. É óbvio que ele não gostava, e sentia-se “incomodado” com a situação; mas teve a mãe que lutava pela manutenção do sobrenome dos antepassados nos netos, ainda que fosse considerado segundo

---

<sup>13</sup> Entrevista com Cazumbá I.

<sup>14</sup> Sobre esta questão. Ver: LOTIERZO, Tatiana H. P. & SCHWARCZ, Lilia K. M. “Raça, gênero e projeto branqueador: ‘A Redenção de Cam’ de Modesto Brocos”. *Artelogie – Recherche sur les Arts, le Patrimoine et la Littérature de l’Amérique Latine*, Paris, Maison de l’Amérique Latine/ CNRS/ EHESS, n. 5, 2013, p. 1-26. Disponível em: <[http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article\\_PDF/article\\_a254.pdf](http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a254.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

nome, passivo de ser suprimido; sobretudo, porque não advinha da ancestralidade masculina, mas da feminina:

*[...] Este meu filho que estava aqui, o Cristiano, tem dois filhos, eu fiz questão que ele colocasse o sobrenome Cazumbá; senão vai se acabando a continuidade. Quando o filho mais velho de Cristiano nasceu, o Davi, foi a época em que eu estava em São Gonçalo no aniversário de um sobrinho. Eu falei com Lourdes, porque ele foi duas vezes no cartório para registrar como Cazumbá e eles só queriam registrar Gomes, o último nome dele. Por que ele é Cazumbá Gomes.*

*Aí eu falei com Lourdes, ela era escritã no Fórum, ela falou:*

*– Rosa, não seja por isso, depois da lei do divórcio você registra seu filho como quer. Você topa trazer o menino aqui para eu registrar?*

*Eu disse:*

*– Topo!*

*Eu cheguei aqui e falei com o Cristiano, ele concordou, mas falou:*

*– Vou tentar em outro cartório primeiro.*

*Ele foi noutra cartório – se não me engano na Barra –, e lá registrou. Senão eu ia em São Gonçalo.*

*Se não der continuidade acaba! E eu não quero! Não quero porque é um sobrenome diferente, bonito! [...].<sup>15</sup>*

Cazumbá II nos explicava as dificuldades que o filho teve em registrar no cartório a filha – sua neta – com o segundo nome Cazumbá, uma vez que o sobrenome de família, desde o seu casamento, passou a ser Gomes; no entanto, ela, ao registrar os filhos, manteve o seu sobrenome Cazumbá, acrescentando o do marido, Gomes. No momento do registro dos netos, encontrou este obstáculo, ou seja, deveria prevalecer o sobrenome do seu falecido marido, o avô paterno da neta, posto que o pai da criança, seu filho, tinha como nome de família Gomes, e Cazumbá, como segundo nome. Lembrou-se ainda do tempo de escola, ela, a única Cazumbá na turma:

*[...] Eu me lembro que na escola achavam o nome da gente bonito, diferente. Só me chamavam de Cazumbá [...] Não chamavam pelo nome não, ninguém me conhecia como Rosa:*

*‘– Vá chamar a Cazumbá!’ Na época só tinha eu [pausa] As vezes eu ouvia comentando que nosso nome era diferente, bonito. ‘De onde teria vindo este nome?’ Isso eu ouvia várias vezes, mas criança não está [...] ainda mais naquela época em que criança não entrava na conversa dos mais velhos. Mas eu*

---

<sup>15</sup> Entrevista com Cazumbá II.

*ouvia falar assim, que nosso sobrenome era diferente, bonito. Até na escola eles me perguntavam: ‘- De onde vem este nome?’ Eu nunca liguei pra isso!...’*<sup>16</sup>

Cazumbá diz orgulhar-se do seu sobrenome, por isso luta por ele, e mais, insiste para que ele seja pronunciado corretamente, com acento grave na última sílaba. Quando pronunciam inadequadamente ela corrige:

*[...] Quando estou na clínica e me chamam:  
– Dona Rosa de Lima Cazumba!  
Eu respondo:  
– Cazumbá! [acentua a necessidade do acento grave no ‘a’]  
Bote o acento agudo no ‘a’. Eu corrijo.  
Na clínica onde vou hoje elas já sabem: ‘– Dona Rosa da  
Lima Cazumbá! [...] [frisa o acento agudo no ‘a’].*<sup>17</sup>

A Lourdes mencionada no diálogo, era uma escritã no cartório de São Gonçalo dos Campos, cerca de cento e trinta quilômetros de Salvador, também uma Cazumbá, com quem tivemos a oportunidade de conversar acerca de nosso interesse pela investigação da família Cazumbá, sobretudo pela manutenção do sobrenome africano, e pela representação que a família tem na cidade de São Gonçalo dos Campos, por diversos segmentos da sociedade, a família Cazumbá carrega certa distinção, se comparada com os demais descendentes de africanos da mesma cidade.

Nas entrevistas perguntamos acerca da origem da família, poucos foram os que alcançaram até a terceira geração passada, embora haja transmissão oral acerca do que os Cazumbá teriam sido no passado: gente de posse, que tinham propriedades, o nome de uma das avenidas principais da cidade é Avenida Cazumbá; no entanto, não souberam dizer muito sobre este passado e de como mantiveram um sobrenome africano, no contexto da escravidão, quando o africano escravizado perdia a identidade individual ou coletiva da região de origem; reconstituindo uma identidade na diáspora<sup>18</sup>. Mas as narrativas dos Cazumbá sobre seu grupo é instigante:

*[...] Rapaz! Tem uma história que Cazumbá é de origem africana, uma família de África que veio e aí foi gerando. Cazumbá é uma família só, qualquer Cazumbá que você encontrar pelo Brasil, pode saber que saiu daqui da região do Recôncavo [...] Este nome é forte e tem alguma influência aqui na região [...]. Na verdade só quem tem interesse em buscar estas coisas são os historiadores mesmo, nem nós da*

---

<sup>16</sup> Entrevista com Cazumbá II.

<sup>17</sup> Entrevista com Cazumbá II.

<sup>18</sup> Nesse sentido, o elo que possibilitou seguir a trajetória do grupo foi o método onomástico. Cf. GINZBURG, Carlo & PONI, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico & PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Tradução de António Narino. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. p.174-175.

*família tivemos interesse, vocês sabem mais do que a gente [...]*.<sup>19</sup>

Na documentação encontramos a primeira referência acerca da família Cazumbá investigada no ano de 1879, João Cardoso Cazumbá, comprando terras na localidade da Cruz e posteriormente comprando um escravo<sup>20</sup>. Alguns de seus descendentes moram na localidade da Cruz, que foi, ao longo da primeira metade do século XX, um território Cazumbá, qual seja, os filhos, netos e bisnetos tinham pequenas e médias propriedades na região<sup>21</sup>. As narrativas corroboram a documentação escrita, embora nenhum dos entrevistados tivesse, na época, conhecimento da documentação investigada.

Cazumbá III, da terceira geração Cazumbá, portanto, trineto de João Cardoso Cazumbá, contou-nos sua versão sobre a origem da família. Versão esta ouvida do pai que ouvira do avô, e que ele conta para os filhos e netos:

*[...] Os Cazumbá que vieram da África para o Brasil, todos foram escravos, eles [os avós] não participaram mais da escravidão por causa da lei áurea. Falam que a lei acabou de um jeito, mas de outro jeito não, porque ainda tem muito negro que é dominado. Este povo Cazumbá é uma família grande, porque trouxeram muitos negros da África para cá, para o Brasil. Meus avós eram Cardoso Cazumbá, mas assinavam só como Cazumbá, meu avô dizia que era Cardoso Cazumbá, não estão levando o Cardoso, mas é Cardoso Cazumbá, é um povo muito grande. Quando eles vieram para o Brasil, quem trouxe este povo foram os portugueses. A família Cazumbá é uma família só, não se separaram. Cazumbá ficou aqui na região da Bahia. Entravam uns com os outros por causa do nome, da assinatura. Teve uma família mesmo que a gente veio se conhecer por causa da assinatura dos Cazumbá. A família se espalhou, as pessoas sabem que são parentes por causa da assinatura [...]*.<sup>22</sup>

Não podemos afirmar que João Cardoso Cazumbá, triavô de Cazumbá III tenha vindo da África, mas uma coisa é certa, ele tinha uma identidade que muitos outros

---

<sup>19</sup> Entrevista com o casal Cazumbá, filho e nora de Cazumbá I.

<sup>20</sup> Investigamos a trajetória da família Cazumbá a partir da documentação cartorial, seguindo os pressupostos da Micro-História. No caso de família de ex-escravos, foi de suma importância recente publicação de Rebecca J. Scott e Jean M. Hébrard. Ver: SCOTT, Rebecca J. & HÉBRARD, Jean M. *Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era das emancipações*. Tradução de Vera Joscelyne. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

<sup>21</sup> Sobre esta questão, ver: SILVA, José Bento Rosa da. “Cazumbá: História e memória no Recôncavo Baiano (1888-1950)”. In. XXVI Simpósio Nacional de História – SP: USP, 17 a 22 de julho de 2011. *Anais*. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300871748\\_ARQUIVO\\_CazumbaartigoparaAnpuh.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300871748_ARQUIVO_CazumbaartigoparaAnpuh.pdf)>.

<sup>22</sup> Entrevista com Cazumbá III.

não tiveram: a manutenção do sobrenome bantu, que deu e dá, ainda hoje uma distinção à família. Sabemos mais, que João Cardoso Cazumbá foi casado com Rita Gonçalves de Oliveira, ex-escrava; com a qual tivera oito filhos, entre eles, Vicente Cardoso Cazumbá<sup>23</sup>, o avô de Cazumbá III.

Nas narrativas de Cazumbá III a presença de “africanidades” na família é um traço identitário significativo, se bem que ele hoje tenha certas reservas com as práticas dos familiares do passado; mas confessa que, pelo lado paterno, que seria o que deu o “tom africano” na família, a religiosidade de origem africana era muito forte:

*[...] Eu conheci este pessoal velho tudo [...] A fazenda da Lama... dizem que tinha um terreiro lá, em algum lugar lá. Era o Anísio Trancaia, o pai do senhor Didi, o marido da Joana, a Joana lá da igreja. Eu mesmo nunca fui ao candomblé deles não, mas era muito famoso aqui. Eu não entrei no candomblé não, o pessoal tudo era, mas eu não entrei não. Eu porque não quis seguir. O pessoal tudo era do candomblé. O sr. Didi da igreja, marido da dona Joana tudo é do santo. Eu ia muito no candomblé mas não entrava não, ficava de fora. Meu pai não frequentava muito não, mas era de dentro do candomblé, o pai dele, tudo era! Tinha gente que fazia dentro de casa... Este povo era tudo africano, este povo do meu pai, eles é que tinham este negócio de candomblé; disso, daquilo, de macumba. Deste pessoal que veio da África. Isso não é coisa boa não! Este pessoal - meus pais -, que frequentava isso nunca teve vantagem; morria com cem anos, cento e tantos anos e nunca tiveram nada! Nunca tinha nada! Se morresse o pessoal ficava com as coisas deles. Foi por isso que o pessoal deixou, muitos não seguiam, porque quando eles morriam não deixavam nada. Era candomblé, era feitiço... e não saíam do lugar.*

*[...] As festas eram bonitas, mas não se ganha nada. Tem coisas ruins que entra no meio, eles morrem de velhos e não levam nada; se os novos ficam com alguma coisa, fica, mas fica a mesma coisa, não adianta nada! Isso é coisa de africano mesmo! É coisa da África [...] Fazia matança, essas coisas tudo! A minha família por parte do meu pai tudo era disso, de candomblé. Minha mãe não! Pela parte de minha mãe já era índia brasileira mesma gente, mesma! Mas pela parte de meu pai, já era descendentes de africanos, nasceu no Brasil, morreu deixou muita gente; até hoje não tem nada. Alguns que deixaram o candomblé, essas coisas de desperdício ainda tem alguma coisa, mas os que ficaram dentro dele, não tem nada. Oxê! Não tem vantagem nenhuma! Era matança, era*

---

<sup>23</sup> Fórum Ministro João Mendes – S. Gonçalo dos Campos – Bahia. Tabelionato de Notas com Funções de Protesto de São Gonçalo dos Campos. Livro n. 8, ano 1887-1891. Certidão de Perfilhação, f. 74.

*despacho que jogavam na encruzilhada para fazer mal aos outros... faziam aqueles balaios para jogar nas encruzilhadas . Agora para que eu não sei! [...].<sup>24</sup>*

A prática religiosa de catolicismo e religiões de matriz africana, presença marcante na família Cazumbá, foi lembrada por outros entrevistados além do acima mencionado. Os cultos além de celebrados em público, na igreja e também na rua (procissão da Senhora da Boa Morte) eram celebrados nas residências (as novenas). Nestas, o sagrado e o profano se inter cruzavam, a presença da dança (samba) e a chegada das entidades sobrenaturais, como contou Cazumbá I:

*[...] Quando acabava a novena tinha o samba. Acabava o samba, só via negro caindo e rolando. Chegava o santo, baixava os santo [risos] Hoje em dia não tem isso mais! Tinha uma que morava nas Pedrinhas – eu já era casada –, me chamou para ir na novena. Depois tinha o samba, os caboclos desciam, dançavam, dançavam. A gente ficava com pena, porque uns que desciam jogavam as pessoas no chão, batia a cabeça. De menina e mocinha a gente não ia, mas depois de casada a gente ia. O marido ia junto. Quando eu casei eu já tinha 30 anos [...].<sup>25</sup>*

Tanto o terreiro da Lama, quanto a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte foram espaços de religiosidade para os Cazumbá do passado e do presente. O terreiro da Lama já não existe, mas a Irmandade da Boa Morte celebra a cada ano a sua festa seguida de procissão e hoje, uma festa mais modesta do que antigamente. Os que viveram as festas do passado e as do presente, são capazes de apontar as mudanças; como por exemplo Cazumbá IV, que é uma das guardiãs da memória e de um dos livros onde estão registradas algumas das festas do passado. Nele identificamos a presença de homens e mulheres Cazumbá na Irmandade:

*[...] A irmandade, quem começou, foi minha avó, Maria Bilô e Felismina [...] Naquele tempo a festa era oito dias, mão era como hoje. Não era a Lira, era samba [...] Naquele tempo era samba, batia tambor; hoje não se faz isso. A Lira [Banda oficial da cidade] só tocava na procissão. Nas casas era samba, amanhecia sambando [...] Cada dia a Nossa Senhora ficava na casa de uma pessoa. Aí tinha a reza do terço, a novena, o ofício, cada dia era uma coisa. Aí, depois que acabava de rezar tinha o samba, tinha comida: um dia era arroz, outro munguzá, feijoada... era fazendo assim! Agora são só três dias na igreja. Tem a missa, a procissão, depois tem a festa na casa da pessoa [...] No meu tempo, no tempo*

---

<sup>24</sup> Entrevista com Cazumbá III.

<sup>25</sup> Entrevista com Cazumbá I.

*em que alcancei, na irmandade tinha: Antônia Cazumbá, Cecília Cazumbá, Lola Cazumbá. Tem uma filha da Antônia que ficou no lugar dela [...].*<sup>26</sup>

Na ânsia de investigar a família Cazumbá, estabelecemos contato com as pessoas que portavam o sobrenome Cazumbá através do “mundo virtual”, qual seja, a internet. Nesta encontramos uma comunidade denominada Cazumbá. Aliás, foi indicação de um internauta que chegamos até ao Orkut. Neste sentido, o nome de família foi a nossa bússola. Infelizmente quando tomamos contato com a comunidade na rede social, ela já não mais existia, mas deixou as suas pegadas, os sinais, as marcas.

Identificamos 235 pessoas inscritas no grupo família Cazumbá, entre o período de 2005 e 2009, depois não encontramos mais notificações. Entre as identificações, notamos um desejo de conhecer a origem e os membros da família, a busca de relações de parentesco, pelo sobrenome incomum, como diziam alguns e pela procedência dos antepassados, leia-se pais e avós. Não entramos nos meandros das regras estabelecidas para participar do grupo, mas uma coisa é certa, se conheciam pelo sobrenome Cazumbá, não se identificavam pelo nome, por vezes mencionavam nomes de pais, avós, tios, primos; embora houvesse espaço reservado para anexar fotografias, nesta comunidade nenhum registro. Abaixo dos espaços constavam: “anônimos”!

No dia 02 de novembro de 2005 foi postada uma pergunta endereçada aos membros da Bahia. Identifica-se, não sabemos, no entanto se é pseudônimo ou nome próprio, reproduzimos da mesma forma como se encontrava:

*[...] Pergunta para os membros da Bahia:*

*Olá, boa noite!*

*Gostaria de saber se é possível algum de vocês colocarem o nome de seus pais ou avós para sabermos se somos parentes? Os meus avós também vieram da Bahia hoje estão em São Paulo o nome dele é Alípio Pereira Cazumbá. Afinal esse nome é tão incomum que é bem provável que sejamos parentes!*

*Um beijo Priscila [...].*<sup>27</sup>

Ao que nos parece, Priscila busca pelos seus parentes que migraram para São Paulo, como tantos nordestinos o fizeram, sobretudo a partir das décadas de cinquenta do século XX, quando as grandes rodovias foram construídas e centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro tornaram possibilidades de “vencerem na vida”. As migrações, sobretudo para estes dois centros urbanos do centro sul do Brasil são bem datadas. Ela, a partir do sobrenome, procurou informações através das redes

---

<sup>26</sup> Entrevista com Cazumbá IV.

<sup>27</sup> Reproduzimos as mensagens no original, porém respeitando os padrões da língua nacional. É comum encontramos nas correspondências via internet, supressões de letras, como por exemplo: vcs [vocês], p [para], q [que], etc...

sociais. O sobrenome africano, segundo ela incomum, foi o traço identitário. Contradição: em um país onde mais da metade da população se autodeclara como de origem africana, ter um sobrenome africano se tornou algo incomum, uma peculiaridade, que não poucas vezes foi tratado como exotismo e até mesmo motivos de chatos, a ponto de alguns negarem a identidade, trocando-o por outro “mais comum”, como se verá adiante.

No mesmo mês de novembro de 2005, nos dias seis e oito, identificamos outras duas mensagens, uma delas mencionando a postagem de Priscila. E mais, dizia-se prima de Priscila, e “lamentando” não ter o sobrenome Cazumbá. Estavam também em busca de laços de parentesco, indicando um possível passado comum: a origem e o sobrenome dos avós:

*[...] origem*

*O nome de meu pai é Jorge Cazumbá e é natural de São Gonçalo. O nome de meu avô também é Jorge Cazumbá e minha avó Anita Cazumbá [...].<sup>28</sup>*

*[...] Oi!*

*Meu nome é Leila, infelizmente não tenho Cazumbá no meu nome, mas o resto da minha família tem. A Priscila por exemplo, é minha prima. Fiquei curiosa para saber se somos todos parentes. Afinal este sobrenome não é comum. Minha bisavó morava em Bom Jesus da Lapa-BA e se chamava Ana Cazumbá. (Era conhecida como Ana Garrincha) Será que algum de vocês conhecem? [...].<sup>29</sup>*

A mensagem postada por Leila nos remete ao sertão baiano, região de Bom Jesus da Lapa, na cidade de Carinhanha, onde também existem muitas pessoas com o sobrenome Cazumbá. Há versões que sejam descendentes de quilombolas. Na pesquisa de José Jorge de Carvalho, realizada no início dos anos noventa sobre o Quilombo do Rio das Rãs, um dos entrevistados foi um Cazumbá: João Cazumbá, na época com noventa anos de idade, descendente de escravizados<sup>30</sup>.

Não tivemos como identificar a faixa etária das pessoas que se correspondiam virtualmente, mas nos parece jovens, adolescentes, a própria linguagem aponta para esta possibilidade. Se assim for, eram jovens em busca dos antepassados, das origens, sobretudo por se constituir um sobrenome incomum, um traço de identidade que

---

<sup>28</sup> Correspondência de 06 nov. 2005

<sup>29</sup> Correspondência de 08 nov. 2005.

<sup>30</sup> Reproduzimos aqui uma correspondência em que o antropólogo José Jorge de Carvalho refere-se à pesquisa e nos dá outras informações: “[...] *Prezado Bento, / interessantíssima a sua pesquisa! A região do Recôncavo é um dos grandes celeiros de memórias e tradições da Diáspora africana nas Américas e ainda muito pouco conhecida e pesquisada pela nossa academia. Vale a pena seguir a pista dessa família. De fato, tivemos referência de um João Cazumbá, ex-escravo de 90 anos de idade. em 1993. Veja n'O Quilombo do Rio das Rãs, pág.134; e também a nota no final, em que relacionamos o nome com o personagem Cazumbá no boi maranhense (a máscara Cazumbá). Posso averiguar mais informações que recolhemos, inclusive com Siglia Doria, que fez mais entrevistas históricas [...]*”. Em resposta ao e-mail enviado em: 04 mar. 2013.

muitos não sabiam a origem, mas sentiam-se marcados por ela, como teremos oportunidade de evidenciar, quando abordarmos especificamente a identidade Cazumbá. As fontes advindas da rede social são emblemáticas:

*[...] Meu sobrenome também é Cazumbá, meus avós que são da região de Bom Jesus da Lapa e Carinhanha que tinham o sobrenome, tanto meu avô e minha avó tinham, pois eles são primos carnais. Ana Ribeiro Cazumbá e João Evangelista Cazumbá (Barra da parateca) [...].<sup>31</sup>*

*[...] Galera, seguinte: com certeza somos parentes sim. Alguém aí já ouviu falar em um ex-jogador de Futebol chamado Nelson Cazumbá? Minha mãe é sobrinha dele [...].<sup>32</sup>*

*[...] Oi galera eu também sou Cazumbá e sou de São Gonçalo dos Campos-BA.*

*Certamente somos parentes, o nome de meu pai é Luiz Cazumba e o de minha avó é Joana Cazumbá. Se vocês conhecem me falem, por favor!! [...].<sup>33</sup>*

*[...] Somos: Vera, Fábio e Graça Cazumbá. Nossos pais [são] Francisco Cazumbá e Maria Josefa Cazumbá. Residimos em Recife-PE, existem muitos parentes no interior de Pernambuco, nas cidades de Vicência, Vertentes e Goiana. É um prazer conhecê-los. Fiquem sempre em contato. Ok![...].<sup>34</sup>*

*[...] Com certeza!*

*Meu pai se chama Geraldo José Conceição Cazumbá e meu avô Miguel Cazumbá, eles são de São Gonçalo. Com certeza somos parentes sim, pois a família é uma só no mundo todo. OK! [...].<sup>35</sup>*

*[...] Eu sô neto de Matias Cazumbá também de São Gonçalo dos Campos e filho de Marina Cazumbá [...].<sup>36</sup>*

*[...] Que legal achar tantos Cazumbá!*

*Bom eu fui criada por Ana Cazumbá e João Cazumbá ambos já faleceram, mas seus filhos são todos vivos, e moram em Carinhanha Bahia. Talvez possa ter alguém que conheça lá, tem o Ícaro e o Áthila Cazumbá que são meus sobrinhos, e orgulho muito de ter feito parte dessa família, meu pai João Cazumbá para mim foi um exemplo a seguir. Ele era nota*

<sup>31</sup> Correspondência de 03 mai. 2006.

<sup>32</sup> Correspondência de 19 jan. 2007.

<sup>33</sup> Correspondência de 05 fev. 2007.

<sup>34</sup> Correspondência de 20 abr. 2007.

<sup>35</sup> Correspondência de 06 nov. 2007.

<sup>36</sup> Correspondência de 06 dez. 2007.

*1000, um paizão. Hoje moro em Brasília, mas sempre que posso vou em Carinhanha-BA. Foi legal achar essa comunidade beijos [...].*<sup>37</sup>

Os depoimentos foram recolhidos da rede social, posteriormente à sua existência, não conseguimos identificar os 235 “filiados” à comunidade Cazumbá, conforme a informação obtida no mesmo sistema; isso pode indicar que nem todos os inscritos postaram mensagens.

Logo no início da pesquisa, quando começamos a pesquisar nas redes sociais, encontramos Amapagu Cazumbá. Fizemos contato e descobrimos que ela não foi uma “invenção”, ou seja, não se tratava efetivamente de alguém da família Cazumbá. A narrativa de Amapagu é emblemática, pois fala de marginalização, resistência, táticas, estratégicas, enfim, de construção e reconstrução de identidade individual. Vejamos o que nos disse Amapagu quando perguntamos sobre o “seu sobrenome” Cazumbá:

*[...] A minha história como Cazumbá é muito nova, adotei esse nome na ocasião da minha separação. Queria fugir do meu marido nos sites de relacionamentos. Sempre digo que é meu nome de quilombola e feminista, mas vem de uma história de racismo. Trabalhava como gerente de uma loja de calçados, e tinha um cliente que vendia no mercado municipal, ele tinha o sobrenome Cazumbá. Sempre que ia comprar, ou pagar as prestações, chamava-o sempre pelo sobrenome, coisa que ele não permitia que as demais funcionárias o chamassem. Ele sempre me dizia que odiava este sobrenome, pois a vida toda sofreu com os colegas de escola, chamando-o de macumbeiro, ele é evangélico. Certo dia, o Sr. José Cazumbá chegou na loja, e me apresentou seu novo RG [Registro de Identidade] para que pudesse modificar seu nome no nosso cadastro, ele pagou 2 mil reais para tirar o Cazumbá e colocar Silva. Fiquei tão chocada e disse a ele que iria adotar o Cazumbá como meu sobrenome. Só depois descobri que a família Cazumbá também é uma comunidade quilombola na Chapada Diamantina, fugiram da escravidão, isso me fez mais apaixonada por este sobrenome, porque na realidade sou uma negra fugida dos domínios do patriarcado. Acredito que acertei na escolha [...].*<sup>38</sup>

Amapagu “fez-se” Cazumbá por entender que a busca de sua emancipação tinha correlação com a deste grupo. Identidade “inventada” a partir de uma constatação e de um desejo de “fazer-se”, para usar uma expressão de E.P. Thompson, no sentido de que as identidades sociais são construções históricas, não algo já dado. Enquanto o senhor José “fugia” do sobrenome, ela o adotava. Importante, que antes de assumir

---

<sup>37</sup> Correspondência de 30 mar. 2009.

<sup>38</sup> Correspondência [por e-mail] com Amália Patrícia [Amapagu Cazumbá], em 03 mar. 2013.

o “nome artístico”, pediu permissão ou comunicou àquele que dele se abdicava. Não conhecemos a resposta do senhor José Cazumbá, mas o fato de pedir permissão ou de comunicar foi, em nossa opinião, um ato de respeito por parte da artista. Neste sentido, assim como quilombola, Cazumbá passou a ser para Amapagu, uma categoria social: o grupo que resiste, assim como os quilombolas, conforme sua linha de raciocínio.

É possível que a conversão do senhor José tenha acelerado o desejo de trocar o sobrenome Cazumbá para Silva, pois nos últimos anos, malgrado as políticas afirmativas já mencionadas, as perseguições aos cultos afro-brasileiros tem aumentado, conforme os boletins de ocorrências das delegacias; na maioria das vezes, a intolerância vem justamente de setores das igrejas pentecostais. Perguntamos a Cazumbá III, por que as festas de Cosme e Damião deixaram de existir, ele nos apontou a perseguição das igrejas pentecostais como uma das razões.

Quanto à relação dos Cazumbá com remanescentes de quilombo, e do quilombo Cazumbá na Chapada Diamantina, não temos conhecimento, o que sabemos foi o que o antropólogo José Jorge de Carvalho nos indicou, a partir das suas pesquisas na década de noventa, qual seja, o registro de um quilombola com o sobrenome Cazumbá. No entanto, sabemos da possibilidade da existência de comunidades com pessoas cujo sobrenome seja Cazumbá, até porque, já identificamos a cidade de Bom Jesus da Lapa e Carinhanha como territórios de Cazumbá. É possível que João Cardoso Cazumbá tenha vindo de umas destas regiões, quando adquiriu as terras na localidade da Cruz, em 1879. No entanto, outra narrativa fala da origem quilombola dos Cazumbá, mas de um quilombo mais próximo, nas redondezas da vizinha cidade de Cachoeira:

*[...] Conheço a localidade de Cruz, é uma é uma boa referência para se puxar o fio da meada da família Cazumbá, pois foi nesta localidade que a família se fixou logo da sua chegada em S. Gonçalo dos Campos. Tenho uma informação vinda de fonte oral, que a família seria remanescente de um quilombo na cidade de Cachoeira, que foi incentivado a deixar suas terras em Cachoeira e tendo recebido terras do governo, fixou-se em S. Gonçalo. Na Rua São Benedito mora a família de meu tio, irmão de meu pai, que pode ser uma fonte de sua pesquisa. Também outra concentração dessa família residia na Rua Nascimento Ferreira (antiga Rua da Lagartixa), onde morava minha avó Antônia Cazumbá, uma matriarca com forte influência nesta rua [...].<sup>39</sup>*

Localidade da Cruz, Rua São Benedito (atual Vigário Galdino), Rua da Lagartixa, Irmandade da Boa Morte, Irmandade de São Benedito (já extinta), são hoje referências do passado da família Cazumbá. Territórios residenciais ou de interação social da família Cazumbá, sobretudo na primeira metade do século XX na cidade de São Gonçalo dos Campos, no Recôncavo Baiano. Mesmo os que migraram para a

---

<sup>39</sup> Correspondência [por e-mail] com Cazumbá V.

vizinha cidade de Salvador, capital do Estado, ou os que partiram para o centro sul do país, como para os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo ou Espírito Santo, têm um vínculo com o lugar de origem, conforme um dos depoimentos colhido na rede social já citado, mas que repetimos para enfatizar o “pertencimento” pelo sobrenome africano: “[...] Com certeza! Meu pai se chama Geraldo José Conceição Cazumbá e meu avô Miguel Cazumbá, eles são de São Gonçalo. Com certeza somos parentes sim, pois a família é uma só no mundo todo. OK [...]!”<sup>40</sup>.

Para falarmos em identidade africana ou carregada de “africanidades”, faz-se necessário revisitar a presença africana na cidade de São Gonçalo dos Campos nos tempos passados. A igreja, por exemplo, foi construída por mão de obra escrava no século XVII, como lembrou o professor Edivaldo:

*[...] A História dos negros aqui está muito relacionada com a História da igreja, eles ajudaram a construir. Está também muito ligada com a cultura fumageira [...] As festas estavam ligadas a São Benedito, porque onde moravam os negros que trabalhavam em artes, pedreiros, carpinteiros, marceneiros [...] a sede da associação deles era nesta rua. Tinha uma festa anual, cultuavam São Benedito [...].*<sup>41</sup>

Pesquisa mais aprofundada, como por exemplo, a da pesquisadora Luciana Falcão Lessa, demonstram a presença africana na cidade de São Gonçalo dos Campos no período compreendido entre o século XVIII e primeiras décadas do XIX. Investigando 121 inventários, onde constava a origem mais específica, 35, da segunda metade do século XIX, onde as denominações eram mais específicas, obteve os seguintes dados: “dos 1.229, mais de 50% eram crioulos (576), jejes (116), cabras (106), mina (101), mulato (92), angola (90), nagô (56), benguela (22) e pardo (19). Estes, eram os grupos mais expressivos e se ocupavam, segundo ela, no serviço da enxada; trabalhavam na lavoura de fumo e dos gêneros de subsistência<sup>42</sup>.

A cor mais escura seria, segundo alguns, um traço da africanidade dos antepassados, que até certa época, casavam-se dentro do mesmo grupo. Expressões como: “eram escuros fechados”; “eram africanos puros até tal geração”; “eram negros mesmo”!

Quanto ao casamento dentro do próprio grupo, tanto as narrativas, quanto os documentos cartoriais revelam esta característica, que também encontramos em outras pesquisas sobre a população descendente de escravizados no Brasil, sobretudo na primeira metade do século XX. Cazumbá III tem uma explicação, a partir da sua constatação:

---

<sup>40</sup> Correspondência de 06 nov. 2007.

<sup>41</sup> Entrevista com o professor Edivaldo da Silva Daltro.

<sup>42</sup> LESSA, Luciana Falcão. *Senhoras do cajado: um estudo sobre a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos – Bahia (1900- 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005, p. 46.

*[...] O povo de Nel, Maria, mulher de Nel, os dois eram primos. Eles casavam entre parentes. Sabe por que casavam entre parentes? Era porque o negro era enfeitado! Os brancos não casavam com negros. Então casavam parentes com parentes. Os negros não participavam dos brancos. Era só para trabalhar e acabou-se a História. Então casavam com parentes, primo com primo [...].<sup>43</sup>*

Cazumbá II também narrou sua experiência de conhecer e ser reconhecida através do sobrenome, por uma prima que ela não conhecia, a narrativa também aponta para o casamento dentro do próprio grupo, ou seja, para os laços de consanguinidade Cazumbá:

*[...] Quando eu enfartei, fiquei internada no Santa Isabel, uma amiga minha disse que tinha uma prima minha que trabalhava no Santa Isabel.*

*– Prima! Quem é?*

*– Márcia Cazumbá! – Por sinal ela é prima minha duas vezes, depois eu conto [acrescenta]. Bem! Nem eu a conhecia, nem ela me conhecia. Ela é bem mais jovem do que eu, é técnica em enfermagem.*

*Então, quando eu me enfartei, um dia veio a enfermeira e disse:*

*– Mais tarde vem uma enfermeira parente tua te visitar, ela não veio agora porque está muito ocupada na emergência.*

*Quando foi mais tarde, já era oito horas da noite ela chegou. Bem vestida, cabelo bem arrumado, bonita! Olhou para mim e disse:*

*– A senhora é Rosa? Como é seu nome mesmo?*

*Eu disse:*

*– Eu sou Rosa de Lima Cazumbá.*

*Ela disse:*

*– Então nós somos parentes!*

*Eu perguntei:*

*– De que parte?*

*Ela disse:*

*– Meu avô Laureano, minha avó Felícia.*

*Ah! Você é neta do Laureano?*

*Ele era meu tio e meu padrinho. Era a avó dela que era esposa do meu padrinho e era também minha prima. Agora vê! Ela era prima de minha mãe e neta de meu avô Laureano Cazumbá. Prima por parte de mãe e por parte de pai.*

*Eu não a conhecia, vim a conhecer no Santa Isabel [...].<sup>44</sup>*

---

<sup>43</sup> Entrevista com Cazumbá III.

<sup>44</sup> Entrevista com Cazumbá II.

As narrativas falam também de um passado onde os Cazumbá eram respeitados, possuíam bens, eram negros que se destacavam no contexto da população negra descendentes dos egressos da escravidão. A documentação corrobora tais narrativas, apontando as transações econômicas envolvendo membros da família Cazumbá, ao longo da primeira metade do século XX. Destaque para Luiz Cardoso Cazumbá, negociante e que teve também a iniciativa de abrir uma escola noturna para comunidade pobre, no ano de 1921, conforme noticiado em um jornal local<sup>45</sup>.

Há várias versões acerca de como os Cazumbá perderam suas terras, empobreceram em relação ao que os antepassados possuíam. Na documentação encontramos processos intermináveis com demandas entre serventuários e advogados, erros na denominação da propriedade na ocasião de registro, “acordo” de demarcação de terras, onde os Cazumbá perderam parte de sua propriedade na localidade da Cruz no ano de 1903. Talvez o fato de poucos deles terem domínio da leitura e da escrita, tenha facilitado a ação de terceiros interessados. Alguns depoimentos são emblemáticos, reveladores:

*[...] As terras eles foram roubados, eu ouvia falara que aquele pessoal que tinha dinheiro – com inveja –, [...] os maridos das minhas tias faziam as vendagens, sem falar com as donas das propriedades, quando chegavam era os homens já levando, tirando [...] eu ouvia falar assim [...].<sup>46</sup>*

*[...] O Henrique é neto de Cazumbá. Tem muito Cazumbá aqui. Na família Cazumbá tem tudo: padre, advogado... Os Cazumbá eram ricos, depois é que ficaram pobres. Os velhos foram morrendo, os novos foram cochilando... Tem uma Avenida Cazumbá; estes terrenos aí eram todos deles. Tinha um preto que se chamava Fafá, era tão orgulhoso que a roupa dele era lavada com sabonete. Aonde ele passava o pessoal dizia: – ‘por aqui passou o Fafá’ [...].<sup>47</sup>*

A complexidade das relações sociais entre descendentes de escravos e os descendentes de antigos senhores de escravos foi narrada de forma segura e contestatória por Cazumbá III, aliás, já havia falado acerca destas relações quando do casamento de Cazumbá entre primos, agora, perguntado como os antepassados adquiriram as terras e como perderam, ele citou outros exemplos conhecido por ele ao longo dos seus oitenta e quatro anos de idade:

*[...] Eles conseguiram terras assim: os velhos, depois da Lei Aurea, trabalhavam e guardavam. Muitos foram herança. Eles trabalhavam para os ricos que não tinham família; quando os ricos morriam, deixavam a herança para eles. Muitos foram assim. Não tinham parentes, não tinham filhos. Era muita*

---

<sup>45</sup> O Campesino, ano 2, n. 67, abr. 1921.

<sup>46</sup> Entrevista com Cazumbá II.

<sup>47</sup> Entrevista com Cazumbá IV.

*gente, era rendeiros, aí os senhores diziam: – ‘isso aqui é de vocês!’ No Alvarenga, onde nós morávamos não fosse os canalhas, a fazenda era deles. Trabalharam nesta fazenda. Os donos diziam; ‘– quando eu morrer esta fazenda é de vocês. Eu não tenho filhos, esta fazenda é de vocês que estão me ajudando’. Tinha um que chamava Pedro que disse: – ‘Quando o senhor morrer, a gente não acha nada’. Aí tinha um que se chamava Quinquinho que era irmão, que dizia: ‘Senhor Jaime, quando o senhor morrer, eles vão tomar tudo!’ O senhor Jaime dizia assim: ‘– eles não tem direito a nada, cada um já tem a sua propriedade, isso aqui é nosso. Isso aqui é de vocês!’ Mas falavam de boca [...].<sup>48</sup>*

Temas como perda de terras, empobrecimento dos antepassados foram narrados com certo cuidado, talvez com receio de magoar a memória de alguém, ou mesmo de comprometer-se com parentes dos que “contribuíram” para o empobrecimento dos Cazumbá.

A questão agrária no Brasil ainda é um tema muito controverso, há muitas terras e mãos de poucos, há uma persistência do arcaísmo agrário, malgrado uma ministra de Estado haver dito que no Brasil não havia mais latifúndio. Razão pela qual foi duramente criticada pelos movimentos que buscam uma reforma agrária no Brasil e pelas lideranças dos movimentos populares.

### **À Guisa de Conclusão**

O que nos motivou a investigar família Cazumbá do Recôncavo Baiano, a partir da cidade de São Gonçalo dos Campos, foi a manutenção de um bantu, posto que o processo de escravização moderna afetou as identidades coletivas e individuais dos africanos na diáspora, tanto é que, são poucas as famílias de descendentes de africanos que possuem sobrenome originário daquele continente, malgrado mais de cinquenta por cento da população se autodeclarar descendentes de africanos<sup>49</sup>.

O sobrenome foi uma ponta de iceberg, encontramos uma História oculta pela historiografia tradicional local. É certo que de início tivemos dificuldades no acesso e manuseio da documentação cartorial, e mesmo certa resistência com alguns membros da família que não entendiam as razões da pesquisa, mas que ficaram muito entusiasmados quando revelada a nossa intenção.

As fontes orais além das informações, criaram um vínculo de pertencimento com a comunidade, e mais, em tempos de informações virtuais, fomos auxiliados pela

---

<sup>48</sup> Entrevista com Cazumbá IV.

<sup>49</sup> O processo de escravidão moderna alterou significativamente a identidade individual e coletiva dos africanos escravizados e seus descendentes. Os nomes família lhes eram suprimidos; nos documentos de compra e venda de escravos, por exemplo, raramente encontramos nomes compostos; quando muito, lhes eram acrescentados os sobrenomes dos seus senhores ou de santos protetores, sobretudo quando conseguiam a liberdade. Há também de registros de sobrenomes que adjetivavam os escravizados, conforme pesquisas antropológicas. Sobre esta questão. Ver: CHANSON, Philippe. *La blessure du nom: une anthropologie d'une séquelle de l'esclavage aux Antilles-Guyane*. Louvaine: Bruylant-Academia, 2008.

tecnologia, posto que muitas das informações e pistas foram conseguidas através da internet, sobretudo a partir do Facebook<sup>50</sup>.



## RESUMO

O artigo investiga, a partir de documentação cartorial e da metodologia da História oral, uma família de descendentes de africanos que, diferentemente da grande maioria, conseguiu manter o sobrenome africano desde fins do século XIX, constituindo-se uma “peculiaridade”. Identidade esta, que também trouxe ao grupo, uma ambiguidade. Para além desta característica ímpar, a documentação investigada bem como as narrativas aponta para um passado onde foram proprietários de terras e de escravo. A escrita deste artigo segue a perspectiva das trajetórias de vida, ou da Micro-História, com o objetivo de dar visibilidade a peculiaridade da família de descendentes de africanos, que desde o século XIX, em condições adversas, mantiveram o sobrenome de origem Bantu na diáspora.

**Palavras Chave:** Identidade; Narrativas; História.

## RESUMÉ

Le document examine une famille d'origine africaine que, contrairement à la grande majorité, a réussi à garder le nom de famille de l'Afrique depuis la fin du XIXe siècle, de devenir une « particularité ». Cette identité, qui a également amené le groupe une ambiguïté. En plus de cette caractéristique unique, la documentation et les récits enquêtés pointent vers un passé où il forme les propriétaires fonciers et esclaves. La rédaction de cet article suit l'approche des trajectoires de vie, ou micro-histoire, afin de donner une visibilité à la particularité de la famille d'origine africaine, qui, depuis le XIXe siècle, dans des conditions défavorables, a gardé le nom de famille d'origine bantoue dans la diaspora.

**Mots-Clés:** Identité; Narrative; Histoire.

Artigo recebido em 08 mai. 2017.

Aprovado em 12 jun. 2017.

---

<sup>50</sup> Contamos ainda com auxílio de jovens estudantes da família que nos auxiliaram fazendo entrevistas com os antepassados, fotografando espaços que são lugar de memória da família, como por exemplo, a Rua Vigário Galdino, antiga Rua São Benedito, a Avenida Cazumbá, os escombros de antigas residências Cazumbá; sobretudo quando estivermos ausentes do país. Nosso agradecimento a Carine Cazumbá, na época estudante de História na Universidade Estadual de Feira de Santana.